

# A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 6 de janeiro de 1902

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

## PAPRE MANOEL ESTEVES

«A Lagrima» apresenta hoje o retrato do p.º M. Esteves, prestando assim uma justa homenagem: e enriquecendo a sua galeria de barcellenses illustres.

E fal-o tão gostosamente quanto têm a certeza de que não ha ahí ninguem que não estime, que não sympathise e que não venero o bondoso padre Manuel.

E porque esse côro de bemquerenças?...

E' que elle—novo, modesto e intelligente—impoem-se ao respeito e consideração de todos, pelas suas virtudes, pela sua vida immaculada, pela sua posição na familia e pela sua intransigencia em tudo que se aparte das suas convicções e do caminho direito que traçou e pelo qual ségue serenamente, mas corajoso e intrepido, realisando com aquelle conjuncto de brilhantissimas qualidades, um verdadeiro modelo de padre.



## Coisas Velhas

Voltamos hoje ás partidas de Padre Luiz de Ambrozio, já que o meu collega W—me veio suggerir a ideia.

—Padre Luiz, além de endinheirado, como disse, era tambem mésinheiro; dava remedios caseiros, a quem lh'os pedia.

Um bello dia apresentou-se uma mulher a pedir-lhe dôce de tijolo para curar uma dysenteria, de que vinha soffrendo.

Sóbe cá! disse-lhe elle lá de cima, do pateo de pedra que se vê á entrada lateral da casa.

Então como foi que isso te principiou, e, ha que tempo soffres tu d'esse incommodo?

Depois da resposta da doente, Padre Luiz reprovou a indicação do dôce de tijolo, e disse-lhe: que lhe daria outro remedio mais applicavel ao caso.

Eu queria o dôce de tijolo, sr. Padre Luiz; eu outro remedio não queria.

Não sabes, o que dizes, volta Padre Luiz: eu vou buscar-te, o que tu deves, de preferencia, tomar.

Padre Luiz foi dentro á sala, e voltou, trazendo meia

duzia de papellinhos embralhados contendo cada um uma dôce qualquer de uns pós brancos.

Ora aqui tens tu o teu remedio: vae para casa, e toma dous de estes papellinhos por dia; dissolve estes pós em um quarteirão de agua, e toma um pela manhã, e outro de tarde; e, no fim de tres dias, tu verás como ficas sã.

Mas eu, insiste a mulher, muito queria antes o dôce de tijolo porque sei que me vae fazer bem.

Adcus, minhã amiga, vae-te embora; e voltarás ao fim dos tres dias a dizer-me como te achas.

A mulher foi, e levou os papeis.

Ao outro dia volta de novo a doente a insis-

tir com o Padre Luiz, para que lhe desse o doce de tijolo.

Quantos papeis já tomaste? pergunta Padre Luiz. Só tomei um, senhor, e não me fez nada! Mas como é que tu queres sarar assim depressa?

Olhe, sr. Padre Luiz, eu muito queria o doce de tijolo, porque sei que é a unica coisa, que me faz bem.

Ah!.. Tu queres? que eu te esteja a metter doce por cima até te sair por baixo! Pois olha! Vai aí a uma loja, compra meio arratel de assucar mascavado; derrete-o n'uma pouca de agua, toma uma seringa, e mette-a a direito logo pelo sitio, por onde tu queres, que venhá a sair o meu doce de tijolo.

E assim se viu livre da gulosa, que á força queria saborear o doce brasileiro, que o Padre Luiz de Ambrozio conservava para outros cazos da sua medecina cazeira.

Outra partida de Padre Luiz:

Costumava elle gostar as horas, que lhe sobravam dos trabalhos coraes ou pela loja do antigo Manoel Sebastião Rodrigues da Cunha, seu muito particular amigo, e que d'elle herdou boas *piadas* e boas peças, segundo diziam, ou pela loja do negociante Lima, á rua Direita.

Era na casa, aonde está a recebedoria da comarca, uma loja de fazendas brancas do fallecido Lima.

Estava ali Padre Luiz a passar no cavaco, as suas horas de ocio, quando entra uma moça d'aldeia a perguntar:

Tem voltas de Padre?

Não, senhora, não ha; disseram-lhe de dentro do balcão.

Quantas quer? menina! Pergunta o Padre Luiz á fregueza.

Eu queria quatro, que são para o sr. Reitor. Quanto lhe deu para ellas?

Oito vintens.

Não é muito; a pataco cada uma, são baratas; mas vou-a servir.

Padre Luiz levanta-se do banco, em que estava sentado, ao lado do norte, firma-se no calcanhar do pé direito, e,—zás,—deu uma volta redonda; e uma vez voltado para a fregueza, contou:—uma—; repetiu a volta e contou, voltado para a moça:—duas. E, assim até que, contada a quarta volta, que deu sobre o tacão do sapato, disse á fregueza: venham cá os oito vintens!

Mas o sr. ainda me não deu as voltas, que eu pedi, diz a mulher boquiaberta.

Pois você não pediu quatro voltas de padre?! E não me viu dar aqui quatro voltas?! Pois que foi tudo isto senão quatro voltas de padre?!

E' escusado dizer-se, que todos os circumstantes desfecharam uma redonda gargalhada, e a mulhersinha levou para o sr. Reitor apenas o

conto das quatro voltas dadas pelo Padre Luiz d'Ambrozio, que, aonde quer que estivesse, fazia rir a gente.

Fico hoje por aqui.

Archeologo.

Espozende, 30

*Fiat lux.*

Perante uma onda ingente de novidades que alguem ha dias entre o humorista e o informador espontaneamente fez quebrar aos meus ouvidos, senti um violento toque a rebate na minha natural tranquillidade e reconheci entrão, mais uma vez, os espinhosos abrolhos da existencia, que mais se elevam quanto mais se encurtam.

Na lucta da vida.—dizia um dos mais notaveis discipulos de Victor Hugo,—quem não tiver o sentimento do comico está perdido. E foram estas palavras que por accaso recordei o incentivo da minha indiferença e serenidade então exacerbada.

E' o thema d'estas linhas a defeza d'uma correspondencia d'esta villa publicada no ultimo numero da «Lagrima» e assignada por D. Missas.

Irritaram-se os espiritos attingidos pela *verve* do aludido escripto e fizeram enxamear o espaço de palavras de abominação de rancor e ameaça ao supposto auctor da correspondencia, ameaças e odios que simultaneamente vieram repercutir-se aos meus ouvidos por cahirem sobre mim as mais graves suspeitas da verdadeira auctoria.

N'este triste dilemma em que me envolveram e porque não é meu desejo suscitar odios e questões, traço hoje estas linhas, não movendo—mereço á Providencia—qualquer grau de timidez, porque não pertença á innumera coorte dos covardes e dos pusilanimos, nem, sobre tudo, porque veja nuvem alguma, espessa ou branda, a eclipsar-me o sol vivificante da honra, mas porque julgo um dever de delicadeza e attenção para com as individualidades visadas no escripto, e com quem tenho relações, illucidat-as e esclarecer os encephalos que tão mal interpretam as inoffensivas linhas, de que não é minha indole a offensiva directa ou indirectamente lançada contra alguem que, me sendo ou não antipatico, jámais me fizesse mal.

Tão humilde quão incompetente, se alguma vez empunhei a penna humorista e procurei caricaturar em *croquis* largo factos ou evoluções sociaes, não tive nunca o estimulo requintadamente mau, o sarcasmo, o tom sardonico e insultuoso nos meus escriptos. Nunca foi meu incentivo o prazer de criar inimisades, e, se algumas tiras de papel estraguei ou estrago não é com o maleficio fim de melindrar alguem,

## L a g r i m a

seja ou não, repito, das minhas relações ou amizade, mas sim apenas com o empenho de, intellectualmente, me entreter e illustrar.

Julgo, portanto, ter esclarecido os offendidos e, como Epimetheu abrindo a boceta de Pandora, sinto-me arrependido de um dia ter encetado tal ordem de escriptos declarando a *tutti mundi* que não mais se pode ser humorista com tão vitreas almas.

E, como o deus da mythologia, resta-me a esperanza de que não mais desgostarei os conterraneos.

Descancem, pois...

J. F.

### HUMORADAS

E' velha, muito velha, tem os dentes carcomidos. Faz arrepios de medo; é vesga, hydro-pica, com sobrancelhas hirsutas, olhos encovados, faces amarelentas, medonha no gesto, as mão crispadas, unhas sujas, riso amargo, gargalhada desfeita,—a banalidade dos *cumprimentos d'anno novo* e de *boas-festas*.

Eu sou contrario a todas as velharias. Chame-me, muito embora, dyspeptico, mal humorado, um doente. Sim.

O meu figado é o meu peor inimigo. Mas é tambem o meu melhor amigo.

N'estes *cumprimentos* eu não vejo sinceridade. Não ha n'elles, em geral, um impulso do coração: ha um abrir de guelias.

O meu barbeiro não arranja a caixa de musica para me entreter alguns minutos; pede-a, ou aluga-a, para me entrar no bolso.

O vendedor de jornaes, o sapateiro, o engraxador, não me mimoseam com os bilhetinhos de *boas-festas*, por me quererem bem. Tudo aquillo é apenas para me arrancar algum cobro.

Ora os tempos vão maus. Lá que fosse para uma festinha, para uma procissão, para azas d'um anginho, para a pianha de S. Miguel, vá: tolerava-se. Mas para bacalhau, para rabanadas, para vinho fino, um vinho engarrafado, tão fino como o cerebro d'alguns escriptores, que eu conheço... nada. O meu figado não supporta estes cumprimentos.

Agora, o merceeiro, esse sim. E' cá do meu agrado.

Deu-me uma ceirinha de figos e uma caixa de uvas passas. Para eu *passar*, já se sabe. Mas o que eu sei tambem é que a balança já foi aferida ha muito tempo, e a bolinha de chumbo despegou se do meio kilo, e cahiu para debaixo do balcão. O caixaeiro confessou-se d'isso; mas o padre recommendou-lhe que, em logar da bóla, lhe comprasse antes uma *balla*, que, em paga, o absolvía e o mandava para o ceo!

E é como isto vae. O meu figado revolta-se; e digam-me lá se não tem rasão.

\*

Cá pela nossa terra vae um fremito de noivado.

Ouvem-se, pelas balsas, walsas de namorados, gorgeios de aves a beijarem-se, arrulhos de pombinhos... uma delicia como aquellas de Santa Thereza nas suas noites encantadas!

E para quê? Para o *sexto*! Para cazar! A materialidade.

Ora, porque não fazem como o bom do meu cura, que segue á risca os preceitos do *concilio*, e vive são como um péro, e riço como um mar-meleiro?

Casar, casar, que Deus dará pão. Se não der, ás vezes, pau...

\*

E com esta me fico. Com o pau. Para dar nos usurarios e nos ladrões, e nos impostores, e nos más linguas.

Arre malandros, escreveu uma occasião o Navarro, antes de ter o Chalet do Luzo. Sim, Malandros antes e depois.

Um má lingua é como a peste.

Façam como eu.

Que não digo mal de cousa nenhuma.

Amen.

João do Minho.

Ahi vae uma boa piada do finado Bento, servo da igreja dos Tereiros: Um bello dia encontrava-se na igreja uma mulher, em oração, dizendo em voz alta:

«Senhor, das-me vinho; Senhor dae-me pão».

Bento, que ouviu estes rogos, dirigiu-se á mulher:

«Você está enganada: a venda da Bagoeira é ahi mais acima».

\*

O fallecido Joaquim Bocca tinha em Braga um irmão de nome Bernardo. Um bello dia (e isto depois de tereu passado muitos annos que não se viam) apanhou a *caroça* e lembrou-se d'ir a Braga visitar-o.

Poz os pés a caminho e eis que em Martim se encontram os dois, pois que Bernardo com a *taçada* tinha tomado igual resolução—a de visitar o irmão Joaquim, que se encontrava em Barcellos.

Cumprimentaram-se e não se conheceram.

Disse-lhe o Joaquim:

«Vou a Braga visitar o meu irmão Bento, que não vejo ha annos».

Bernardo respondeu:

«Pois eu vou a Barcellos visitar meu mano Joaquim, com quem não tenho estado ha annos».

E despediram-se, tomando cada um a sua direcção.

Poucas horas passadas—Bernardo chegou a Barcellos e não encontrava o mano Joaquim e este por sua vez chegava a Braga e não encontrava o Bernardo.

O que se vê nos olhos negros

N'aquelles olhos negros e brilhantes  
Que teem da noite a côr, do sól seu lume,  
P'assa e repassa a furia dos amantes  
E o tragico phantasma do ciuime;

Gritos de angustia, vozes soluçantes,  
Ódio n'elles se espelha e se resume:  
De monstros maus de gestos arrogantes  
Lucta, berrando, o tétrico car'lume.

Tudo isso vê-se nos seus olhos quando  
Da raiva ruge a horrída procélla,  
Que vae seu níveo peito devastando;

Porém, se acaso amor seu rosto estrélla,  
Das estrellas do céo sóme-se o bando  
Deslumbrado da luz dos olhos d'ella!

Inedito de *Fernando Sá Vianna*.

O Fitas, um borracho pobre, semelhante a muitos borrachos ricos, apanhou n'outro dia um monumental pifão.

Em caminho de casa, aqui eui, acolá se levanta, entre o escarnio dos transeuntes (e troça do rapazão) zangou-se com a esposa, que o acompanhava, qual Cyreneu.

Para que lhe ha de dar o vinho?

Ora essa!—para gritar como um possesso que se ia betar a afogar.

E rompe n'um passo cambaleante, mal seguro, até o ribeiro das Pontes e ali em Casal de Nil—ó gente sensível, fecha os olhos para não vêres!—arremessa-se á agua que elle non se quer tão aproveitado para lavar os pés!

O povo—principalmente trabalhádôres que regressavam da lide diaria—ri de ver o Fitas querer afogar-se em dois palmos de profundidade d'aquelle truteiro ribeiro! quando o Fitas até mergulhando em casa a cabeça n'um penico cheio d'agua se afogava, sem dar escandalo, porque, assim, o peccado foi muito maior.

O que é certo é que uns adôadinhos pozeram uma cruz no local do suicidio a fingir.

Diabos os levem!..

—Notas diversas

Entre os irmãos d'uma confraria d'esta villa ha um conhecido pelo appellido de Diabo.

Ha dias o Zezinho da Santa Casa foi incumbido de convidar os irmãos da referida confraria para assistirem a um ac'o religioso que se celebrava na igreja, em que crecta a mesma confraria; cumprida a missão, de que encarregado, veio dizer ao seu chefe: Está tudo avisa-

do, porém não avisei F. porque entendi que não devia convidar o Diabo para assistir a actos praticados na casa de Deus.

—Disseram ha dias ao barbeiro Mineiro: Admira teres hoje pouca freguezia... Não é de admirar, responde elle, porque fui agora a casa almoçar e passei no L. da Porta Nobre e Campo da Feira, e metti o nariz em todos os meus collegas e tambem não tinham freguezes.

Amigo sr. João, para bem illucidarmos os nossos leitores, pedimos-lhe que tenha a bondade de vir a esta redacção dizer-nos em que parte metteu o nariz.

—Dizia ha dias o Manoel Velhinho: Quando estive doente, o medico prohibiu-me de comer bebidas brancas.

Peua foi que tambem o não prohibisse de comer bebidas tintas.

—Coisas horriveis de vêr: O Cibrão andar de sóccos; o Cagaio, de cartólla e casaca; o José Terroso, a pilhar mósca; o Gonçalo David a acariciar uma ama de leite; o Joaquim Araujo, a photographar a Avenida; o Francisco de Paula, a vender vinho de Torres Novas; o João Chrysostomo, a executar o Carnaval de Venezia n'um assobio de barro, de Gallegos.

—U na sopeira d'esta villa, ao ouvir ler no ultimo n.º da «Lagrima» a noticia referente á sabida do batalhão, disse: Coitadinhos! Os soldados, fóra a alma, são como a gente.

—Pela modica quantia de 50 réis ensina o Joaquim Martins a receita para fazer os saborosos bolinhos da Petrexas.

—A «Lagrima», e com ella todo o Barcellos, associam-se no desgosto porque acaba de passar o Manoel Leite, indo encontrar o Gigante sem nariz, roído pelos ratos.

—Causou extranhesa que algumas criadas do Branco apparecessem hontem a passear, vestidas de preto.

Ha—como revisor—na nossa linha de caminho de ferro do Miúdo, um individuo de nome (ou apellido) Neto.

E' um dandy—segundo a feição ironica da «Lagrima», que trata, segundo nos informam—as passageiros: por primeira, segunda e terceira classe. Isto é: por V. Ex.<sup>a</sup>, por V. S.<sup>a</sup> e Sur.<sup>a</sup>, conforme as carruagens que elles occupam.

Este Neto não parece o legitimo pao dos filhos de Zebeden?

—Pômos hoje em cobrança a importância dos n.ºs em debito pelos ex.<sup>mos</sup> assignantes e pedimos que sejam promptos na satisfação do pagamento.